

INFÂNCIAS EM ESPIRAL: LITERATURA E ANCESTRALIDADE

Professora Ma. Gillian Ichiama, Aubrick Bilíngue Multicultural; Literaturas de Berço

PUC-SP, ichiamagillian@gmail.com

EIXO TEMÁTICO – Relato de Prática em Educação Antirracista na Educação Infantil

RELATO DE PRÁTICA

A literatura destinada à primeira infância tem se afirmado como campo potente de produção estética, cultural e política, sobretudo quando se afasta de perspectivas adultocêntricas e eurocêntricas. Nesse contexto, o livro *Todas as cores da Terra*, de Aloma, publicado pela Editora BambooZinho e ilustrado por Isabela Santos, apresenta-se como uma obra que articula narrativas visuais, cores e sensações, possibilitando experiências literárias que ultrapassam a palavra e reconhecem o corpo como instância de leitura. A indagação da professora Dra. Eliane Debus: — De que cor é a cor da literatura brasileira para a infância? — evidencia a urgência de refletirmos sobre representatividade e diversidade na literatura infantil. A obra convida à exploração das cores da pele, das tradições e das expressões culturais, permitindo que as crianças reconheçam a si e aos outros, fortalecendo identidades desde os primeiros anos de vida. Segundo Antônio Cândido (1982), a literatura não deve ser entendida como instrumento pedagógico, mas como experiência humanizadora. Essa concepção fundamenta a prática realizada com crianças entre 1 e 3 anos na Escola Aubrick Bilíngue Multicultural, na qual o livro foi vivido como acontecimento estético e relacional.

Exploração livre do livro

A proposta iniciou-se pela exploração livre do objeto livro. Antes de qualquer leitura mediada, o exemplar foi colocado ao alcance das crianças. Elas tocaram, folhearam, observaram cores e personagens, retornaram páginas, fecharam e abriram novamente. Algumas aproximavam o rosto das ilustrações; outras apontavam detalhes específicos. Colocando o dedo na página na qual aparece um dedo, transformando a experiência literária em corporificação. Essa exploração não foi considerada etapa preparatória, mas parte constitutiva da experiência literária. O contato físico com o livro permitiu que as crianças pequenas, ainda em processo inicial de linguagem verbal, realizassem leituras visuais e táteis. O tempo foi respeitado. Não houve antecipação de significados nem direcionamentos interpretativos.

Leitura como performance

A leitura em voz alta assumiu caráter performático. A mediação literária não se restringiu à decodificação do texto, mas envolveu entonação, ritmo, pausas, silêncio e expressividade corporal. A leitura-performance compreendeu que, na primeira infância, a literatura é também gesto, musicalidade e presença. O corpo do adulto mediador tornou-se parte da narrativa: variações de voz para marcar emoções, pausas para permitir contemplação das imagens, repetição de trechos solicitados corporalmente pelas crianças. Cada retorno à página foi acolhido como uma nova possibilidade de sentido. A performance não tinha finalidade teatralizada, mas relacional. O objetivo era criar uma atmosfera estética que favorecesse a imersão sensível na narrativa. As ilustrações de Isabela Santos, com cores terrosas, em algumas ilustrações vibrantes e protagonismo negro, potencializaram essa experiência, permitindo que as crianças entrassem em contato de maneira poética, com tons de pele, expressões e elementos culturais representados com beleza e centralidade.

Mediação literária com crianças entre 1 e 3 anos

A mediação fundamentou-se na escuta atenta e na presença sensível. Com crianças tão pequenas, ler significa observar gestos, vocalizações, movimentos de aproximação ou afastamento. Cada som emitido, cada toque na página, cada olhar prolongado foi reconhecido como ato de leitura. Inspirada na concepção de Literatura de Berço de Cássia V. Bittens, a prática compreendeu que o corpo, o ritmo e a repetição são formas legítimas de interpretação. A personagem Awa foi gradualmente reconhecida pelas crianças. A prática dialoga com as reflexões de Nego Bispo (2015), ao reconhecer a necessidade de uma infância descolonizada, na qual o corpo e a memória cultural participam da construção do conhecimento. A representação positiva de personagens negras, conforme aponta Conceição Evaristo (2015), contribui para a formação da autoestima e para o reconhecimento da diversidade como constitutiva da sociedade. O tempo da experiência foi compreendido como tempo espiral, conceito desenvolvido por Leda Maria Martins (2021). As crianças retornavam às páginas preferidas, repetiam gestos e vocalizações, reconstruíam sentidos. A repetição não indicava estagnação, mas aprofundamento. O aprendizado ocorria por retomadas sucessivas, em movimento circular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática evidenciou que a literatura infantil, quando vivenciada como arte e performance, constitui potente prática antirracista na primeira infância. A exploração livre do livro fortaleceu a autonomia e vínculo afetivo. A leitura-performance ampliou a dimensão estética da experiência. A mediação sensível reconheceu as crianças como sujeitos culturais capazes de produzir sentido antes mesmo da alfabetização formal.

Infâncias em Espiral tornou-se expressão daquilo que foi vivido: a aprendizagem não segue linha reta, mas circula, retorna e se amplia. A literatura, quando mediada

com presença, escuta e respeito ao tempo da criança, transforma-se em acontecimento estético e relacional, fortalecendo identidades, ancestralidade e diversidade desde os primeiros anos de vida.

REFERÊNCIAS

ALOMA. Todas as cores da Terra. Ilustrações de Isabela Santos. São Paulo: Bamboozinho, 2020.

BISPO, Antônio. Colonização, quilombos: modos e significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

BITTENS, Cássia V. et al. Literatura de Berço: sobre o livro para bebês e a leitura na primeira infância. São Paulo: Bamboozinho, 2024.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: _____. Vários escritos. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 169–191.

DEBUS, Eliane. De que cor é a cor da literatura brasileira para a infância? Florianópolis: UFSC, [s.d.]. Entrevista ao Porvir. Acesso dia 24/02/2026. <https://porvir.org/educacao-antirracista-20-livros-infantis/>

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: memória e resistência. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

MARTINS, Leda Maria. Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva, 2021.